

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS  
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA  
**BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**  
NOVA SÉRIE  
BELÉM — PARÁ — BRASIL

---

ANTROPOLOGIA

Nº 47

2, FEVEREIRO, 1971

---

OS ÍNDIOS OYAMPIK E EMERILON (RIO OIAPOQUE)

REFERÊNCIAS SÔBRE O PASSADO E O PRESENTE

EXPEDITO ARNAUD (\*)

Museu Goeldi

Em fins de novembro de 1966, após realizar uma pesquisa entre os índios do rio Uaçá (Palikúr, Galibí e Karipúna), tivemos oportunidade de percorrer o rio Oiaoque desde a cachoeira Grand Roche até a foz do Camopi, onde, durante sete dias, mantivemos contactos com os Oyampik e Emerilon, aldeados pelas imediações. Os dados que conseguimos colhêr, em tão curto espaço de tempo, foram sem dúvida reduzidos, porém, resolvemos divulgá-los em complementação a elementos bibliográficos, tendo em vista a carência de publicações brasileiras a respeito dos mencionados índios.

A viagem pôde ser efetuada graças a ajuda do Coronel Arthur Ramos Bogéa, Comandante da Colônia Militar do Oiaoque, que colocou à nossa disposição, sem qualquer ônus, uma embarcação e um eficiente piloto — cabo Manuel Florêncio da Paixão. Também recebemos a colaboração material e pessoal dos funcionários do antigo SPI, Djalma Limeira Sfair, Felipe Passinho de Santiago, Emiliano Ribeiro Serrão e José Pereira da Silva, havendo os três últimos tomado parte na excursão.

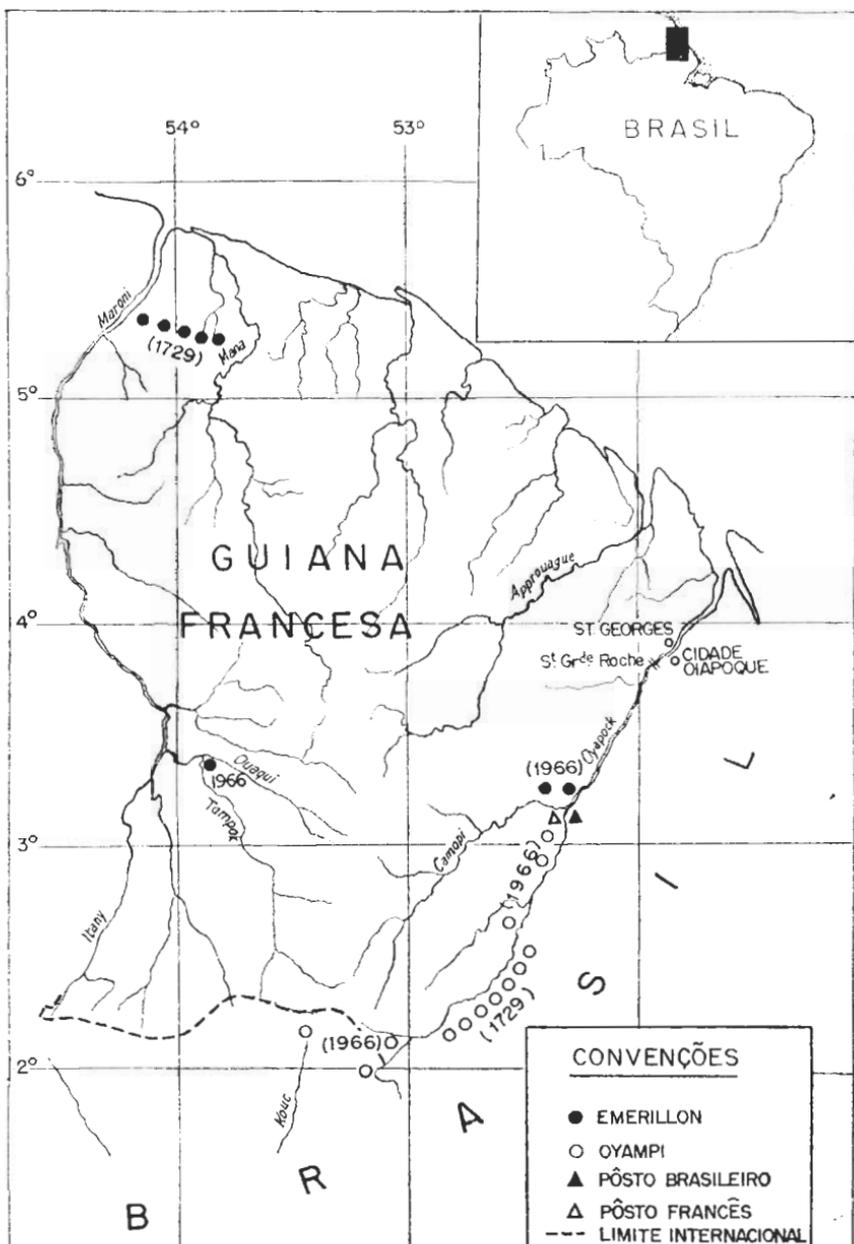
\*

\* \*

As fontes históricas que pudemos verificar a respeito da região guianense (2-3º de lat. Norte; 51-57º de long. Oeste)

---

(\*) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.



Mapa da região com a localização dos índios Oyampik e Emerilon

apresentam, nos séculos XVI e XVII, a parte situada ao norte do rio Oiapoque (ou Vicente Pinzon) habitada por grupos indígenas *Karib* ("Caribbana", etc.); e a parte situada ao sul ocupada por grupos *Aruak*. ("Arowachi", "Arowacas", etc.) (Brasil, Tratados, 1899 : mapas 1-3-4-30-34-60-62). As referências sobre os dois grupos *Tupi* aqui abordados passamos a encontrar a partir do mapa D'Anville (1729), que assinala os Oyampik ("Oyampiques") em um território situado à margem direita do alto Oiapoque, nas proximidades do "Crique Palenques"; e os Emerilon à margem oposta, entre os cursos médios do Mana e do Maroni, um pouco acima dos "Tounoïenes ou Galibís" (ibid. vol. 6, mapa 22) (1).

Os Oyampik, "segundo a própria tradição, procederam do sul do Amazonas" (Coudreau, 1893 : 279). Consoante informações coincidentes colhidas por Metraux (1927 : 31) em Tony (1843 : 232-33) e em Froidevaux (1894 : 47), seriam eles os índios que, munidos de armas de fogo, atuavam no século XVIII a sôlto dos portugueses como preadores de escravos, sobretudo no âmbito dos grupos *Karib*. Em 1736-37, atacaram os "Armacotous do alto Camopi e alto Couyri".(2) e os "Tapiris ? do Yaroupi" (margem esquerda do Oiapoque). Em 1742-43, "êsses mesmos índios dos portugueses" atingiram os "Cousanis de Motoura" e, dois anos mais tarde, os "Couroucuanes e Itouanes do alto Cassiporé" (margem direita Oiapoque) (ibid.) (3). Em 1766, estavam guerreando com

(1) — "Tounoïenes ou Galibís" — Carib (Caripuna, Carinye, Karinye, Caline, Pure Carib, Calibite, Caribi, Caribice, Galibi, etc. cf. Gillin, 1948 : 806. Os Galibí prôpriamente ditos encontram-se hoje localizados no Suriname (margem esquerda do Maroni), litoral da Guiana Francesa e Brasil (margem direita do Baixo Oiapoque). (Arnaud, 1966 : 3-4).

(2) — "Armacotous" — Aramagoto (Armagote; Carib ?) — A Oeste do Couyary (1730-41), no Camopi (1731-43) e em tributários do Oiapoque (1763). (Gillin, 1949 : 805).

(3) — "Cousanis" — Coursaris, Cusari (Kusari) — Coudreau (1886 : 437) diz que êles falavam um dialeto semelhante ao dos Oyampik. Gillin (1948 : 814) os menciona como originariamente *Karib* mas posteriormente "aculturados com *Tupi*".

"Couroucuanes" — Curcucuan (Kurkudian; Karib ?); "Itouanes" — Ituan (Carib ?) : ambos no alto Cassiporé (Gillin, 1948 : 807-08).

os “Roucouyennes” (Wayana) (4), os quais, por tal motivo, recusaram acompanhar o explorador Patris, em sua viagem rumo ao Amazonas (Coudreau, 1893 : 279).

Quando os Oyampik começaram a fixar-se no alto Oiapoque e a penetrar mais intensamente na Guiana Francesa (1817), entraram em contacto com os remanescentes “Pirious” (5) e adotaram as denominações dadas por êstes “aos mais pequenos detalhes do rio, demonstrando assim uma grande afinidade de linguagem” (Sausse, 1951 : 70-84). Em 1819, sua principal aldeia, situada um dia de viagem à remonta do rio “Inguéraru” (margem direita Oiapoque), seguido de mais oito dias de marcha pela mata, teve a população avaliada por Leprieur em 1200 almas e, nas circunvizinhanças, existiam outras aldeias com grandes roçados (Coudreau, 1893 : 282). Embora estivessem em guerra com os “Roucouyennes”, “Oureuperous” ? e os “Emerillons” de uma parte, com os “Amikouanes ou Longues Oreilles” (6) de outra, recebiam muito bem os viajantes (ibid.). Em 1824, o engenheiro Bodin avaliou “essa tribo predominantemente nômade em mais de 6.000 indivíduos” (ibid. 1887 : 43).

Por volta de 1830, escreve Adam de Bauve, os Oyampik eram conhecidos no Oiapoque como “comedores de homens”, sendo uma de suas canções assim expressada : “Outrora nós os homens comíamos nossos inimigos e não nos alimentávamos de mandioca como as mulheres” (Coudreau, 1887 : 43). Refere-se De Bauve à existência no igarapé “Acao” (braço oriental do Oiapoque) de numerosas habitações Oyampik, re-

(4) — “Roucouyennes” (Wayana — Oyana (Ojana, Ajana, Ouyana, Uajana, Upari, Oepoeroei, Rucuyen, Orcocoyana, Urucuiana, Alucuyana, Alakunanã). Na Guiana Francesa, Suriname, Alto Paru, Jari, etc. (Gillin, 1948 : 809).

(5) — “Pirious” — Piriou (Apuri, Apourou, Upurii, etc.) classificados por Gillin (1948 : 804) como *Karib*. No entanto, Sausse (1951 : 70), além da referência citada no texto, acrescenta que, em um fragmento do diário de “Leblon” relativo à sua viagem pelo Oiapoque, em 1789 (“document communiqué par M. Le Gouverneur Bouge”), encontra-se um vocabulário do dialeto dos “Pirious” com características Tupi-Guaraní.

(6) — “Amikouanes ou Longues Oreilles” — Amikuana (Amicwan, Amicouan, Amikonan; Karib ?). (Gillin, 1948, 804).

centemente abandonadas em conseqüência de uma epidemia de gripe, as quais calculou com capacidade para abrigar de 1.200 a 1.500 indivíduos, existindo no interior e em tórno das mesmas chapas de metal e árvores frutíferas em plena maturidade (mamão, banana, “acajou”). Apresenta, outrossim, mais os seguintes detalhes a respeito dos Oyampik: os homens são de estatura média e bem proporcionados e as mulheres bonitas, mas de modo geral têm os dentes cariados; ambos os sexos usam enfeites de penas nas orelhas e braceletes de contas; os homens vestem um calimbé de algodão e as mulheres andam inteiramente nuas; praticam o “incesto” o pai com a filha, o filho com a mãe e o irmão com a irmã; suas festas de caxiri chamam “mahury” uma designação originada de um rio de Caiena (ibid.).

Uma informação recebida pelo “Gouverneur Legrange”, em 1835, menciona os Oyampik como ainda “bastante numerosos embora nove décimos tivessem desaparecido vitimados por doenças” (Hurault, 1962 : 66). No ano seguinte, quando o Oiapoque já era percorrido por negociantes crioulos (7), existiam “numerosas aldeias Oyampis em Motoura, Samacou, Yaroupi, Crouatou e Yaoué” (Coudreau, 1893 : 283). Em 1839, foi fundada no rio Jari com elementos Oyampik, “uma povoação denominada Tujuju-maiti, hoje em ruínas” (Sousa, 1873 : 156). Na mesma fase, tendo os Oyampik matado vários negros Boni (8), instalados nos rios Camopi e Inini, na

(7) — Os crioulos são formados pela mistura de indivíduos de várias etnias, com acentuada predominância de negros africanos. Falam um dialeto denominado *patuá* ou *crioulo*; que na “comunas” pode ser definido “como uma língua africana reconstituída com palavras do francês arcaico”; porém, nas cidades, “sua sintaxe aproxima-se da francesa”. Inicialmente, o termo era aplicado “às pessoas de raça branca nascidas nos trópicos”; subseqüentemente, surgiu a expressão “negro crioulo” para distinguir os nascidos na região dos procedentes da África; e após 1848, como o quase desaparecimento da população européia da Guiana, o termo passou a ser aplicado somente “às pessoas de cor”. Hoje constituem a maioria da população da Guiana Francesa. (cf. Suasse, 1951 : 15-18).

(8) — Os Boni, constituem um grupo tribal de origem africana formado por escravos fugidos das plantações da Guiana Holandesa (Suriname), em meados do século XVIII. Em fins da década de 1940, totalizando entre 500 e 600 indivíduos, encontravam-se localizados à margem direita do alto Maroni (cf. Suasse, 1951 : 17-45 e ss.).

suposição de que êles queriam apossar-se de suas terras, estabeleceu-se um conflito entre ambos os grupos, o qual terminou, em 1842, com o massacre efetuado sôbre os Boni pelos soldados do forte francês Cafesoca, situado no Oiapoque (Crevaux, 1883 : 34; Coudreau, 1893 : 279).

Um recenseamento realizado, em 1848, entre os índios da Guiana Francesa excluindo os do "território contestado", publicado na "Revue Coloniale, Juillet, 1850", registra a existência de apenas 200 Oyampik (Sausse, 1951 : 84) (9). Trinta anos mais tarde, Crevaux (1883 : 217) menciona também números idênticos e refere-se a um subgrupo denominado Banaré, "porque seus componentes repetem constantemente tal palavra que significa amigo". Os Oyampik, "assim como os Roucouyennes", possuíam então grande quantidade de animais domésticos nas habitações; cobriam o sexo com uma peça chamada "couyou" (possivelmente o calimbé), feita com tecido de algodão e contendo listras negras; confeccionavam rêdes de fios de algodão e vasos de cerâmica cujo tempêro era feito com a casca de uma árvore chamada "couepí" (ibid. : 192-210-13). O enterramento faziam comumente em cova profunda, sendo o cadáver colocado verticalmente com as pernas, braços e cabeça dobrados; não queimavam os mortos como os "Roucouyennes", mas, algumas vêzes, os deixavam decompondo-se na mata para serem sepultados cêrca de um ano após em vasos de barro (ibid. : 157). Em 1850, os Oyampik começaram a estabelecer relações amistosas com os "Roucouyennes", os quais, já nos ultimos anos do século em apreciação, "dado seu maior número e civilização mais avançada, passaram a impor pacificamente sua tutela sôbre os velhos inimigos, influenciando-os no próprio dialeto" (Coudreau, 1893 : 279) (10).

(9) — Através do aludido recenseamento foram anotados mais os seguintes índios : 350 "Emerillons" no Camopi; 250 "Galibís" em Organabo e Counomana; 20 "Pirious" no alto Oiapoque; 52 "Marouanes" no Arouague e Oyapock; e 9 "Nouragues" no alto Arouague.

(10) — Índios conhecidos sob a denominação de "Paikipiranga (Parichy)", mencionados como sendo, provavelmente, de origem Oyampik, habitavam em 1859 e 1860 nos rios Maracá e Araguari (Território do Amapá), respectivamente. Posteriormente, teriam se extinguido mesclados com coletores de borracha (Gillin, 1948 : 815).

No relatório apresentado pelo major Boanerges Lopes de Sousa, a respeito da inspeção que realizou à fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, em 1927, são aludidos apenas dois grupos Oyampik no Oiapoque. O primeiro, situado na foz do Camopi, era formado por 13 remanescentes Banaré, os quais não mais falavam o *Tupi* e sim o *patuá* da Guiana Francesa. Trabalhavam em lavoura e para uma destilaria de aguardente de cana (*tafia*) aí estabelecida, pertencente a “um súdito inglês”, em troca de tecidos e produtos manufaturados (Sousa, 1955 : 112). O segundo grupo, localizado à margem esquerda do Oiapoque, cerca de um quilômetro distante da foz do Iarupi, compunha-se 28 indivíduos, os quais tinham como líder o “capitão Ten-ten” (ibid. : 115). Através das fotos divulgadas a respeito do grupo e respectivas legendas pudemos verificar o seguinte : os elementos de ambos os sexos, usavam os cabelos longos partidos no meio da cabeça e exibiam colares e braceletes de miçangas; os homens trajavam somente o tradicional calimbé e as mulheres uma tanga improvisada quase atingindo os joelhos; as crianças eram carregadas em tipoias; a navegação ocorria por meio de canoas de casco inteiriço (ubás); e, nas toscas habitações retangulares, com cobertura de palha de duas águas, sem estrados, havia pequenos bancos de madeira, rédes, cabaças, panelas de barro, peneiras, tipitis e chapas de ferro para torrar beijus (cf. Rondon, 1953 : 330-35). Sousa (1955: 101-12) fala na existência de aproximadamente 1000 homens (“sobretudo crioulos e negros *boshis*”), extraíndo ouro para companhias francesas nos rios Siquini, Camopi e Nipi; e também acerca de várias destilarias de pau-rosa instaladas em ambas as margens do Oiapoque, existindo em tórno de uma delas, situada no lado francês (usina Matabô), “um verdadeiro povoado com 16 ranchos”. Alguns anos após, Moura (1934 : 17) menciona igualmente aqueles dois grupos Oyampik, cuja população total avaliou em 50 pessoas, as quais dedicavam-se à “caça, pesca e agricultura rudimentar (mandioca, milho e dachina — uma espécie de inhame)”, sendo que, em 1931, o primeiro grupo ainda encontrava-se na foz

do Camopi, mas o segundo havia baixado para um ponto situado às alturas da cachoeira Alikotó (margem esquerda Oiapoque). Refere-se ao mesmo tempo à distribuição pelos vales do Sikini e Camopi, de mais ou menos 630 pessoas, dentre as quais 210 trabalhavam diretamente na mineração (ibid.: 85). Na vila Camopi (150 habitantes), distante 25 km da foz, havia armazens repletos de mercadorias, operando através da “grama-ouro” que era a moeda corrente na região (ibid.: 86). Todavia, estava a indústria do pau-rosa no Oiapoque praticamente extinta em vista da desvalorização do produto; a margem francesa encontrava-se desabitada desde as primeiras cachoeiras até a foz do Camopi; e na margem brasileira existia somente um morador, na confluência com o Cricu (ibid.: 11-15).

As fontes posteriores que pudemos verificar, apresentam outros dados sobre os Oyampik além dos registrados pelas duas últimas, embora não parecendo também muito precisas quanto aos números populacionais. Aguiar (1943 : 146-47) menciona uma visita ao acampamento da Comissão Brasileira de Limites no alto Jari, em 1937, de 7 índios Oyampik (5 homens e 2 mulheres) pertencentes a um grupo localizado no igarapé Tatu-açu, afluente do Jari, os quais forneceram aos expedicionários uma descrição minuciosa das cabeceiras do Oiapoque, Araguari e Maroni, bem como de seus formadores Litani e Koele-Koele (Culê-Culê). Conduziam êsses índios arcos e flechas, um pedaço de terçado, uma panela de barro, mosquiteiros e rêdes bem trabalhadas feitas de algodão, com tecedura compacta entremeada por fios de côres diversas (ibid.). Ambos os sexos estavam pintados com urucu e jenipapo, tendo “grotescos arabescos nas faces e no corpo, sempre simétricos” (ibid.) (11). Fernandes (1943b), apresenta a população Oyampik do território brasileiro assim dividida : 1 aldeia no rio Uasseipein, formador do Oiapoque, com mais ou menos 100 indivíduos; 1 nas nascentes do Araguari (tuchaua Arawai) com 250; 3 no rio Pirauri, afluente

(11) — Aguiar (1943 : 147-63) registra, outrossim, um vocábulo contendo 296 palavras do dialeto Oyampik.

do Jari (tuchaua Arawariká), com 160; e 9 no rio Cuc, afluente do Jari (tuchauas Tatu-açu, Opioxó, Kapari, Pirakaka, Taem, Maku e Remera), com 500; total 1.010 indivíduos. Metraux (1947 : 234), por sua vez, baseado em informações de "M. Stoufrillaud", cita os seguintes grupos Oyampik : Guiana Francesa-Coumaloua (Aloupano) — 17, Alikoto — 30, Tecouane — 8 e Petit Caïman — 10; Brasil — Ouroureau — 30; total — 102. Sausse (1951 : 98) registra que, os Oyampik da Guiana Francesa somavam 125, divididos entre dois grupos : o primeiro localizado às proximidades dos estabelecimentos crioulos do médio Oiapoque; o segundo muito isolado, situado no alto rio, mas com "estado físico e moral bem melhor que o primeiro"; e refere-se, outrossim, a uma "outra fração de importância equivalente" habitando no rio Cuc.

Subseqüentemente, Hurault (1962 : 66) diz que os Oyampik localizados à margem do Oiapoque, em 1958, não somavam mais de 350, sendo uma das divisões formadas pelas aldeias "Alikotó e Akouménay" e a outra pelas aldeias "Roger e Isidore". A população dos grupos existentes no rio Cuc e seu afluente Pirawiri avaliou em 200 indivíduos (ibid.). Os índios do Oiapoque passaram a visitar o pôsto francês do Camopi desde sua função, ocorrida em 1950, porém, mais assiduamente após 1954 quando foi aí instalada uma enfermaria (ibid. : 67). Todavia, em abril de 1958, um dos grupos com 27 componentes, foi atingido por gripe e pneumonia, falecendo em conseqüência, 5 mulheres, que os sobreviventes só puderam sepultar após receberem ajuda das aldeias vizinhas (ibid.). Entre tais grupos as técnicas relacionadas à cerâmica e confecção de ornamentos estavam sendo abandonadas; a economia era quase inteiramente de subsistência, mas esporadicamente executavam trabalhos para estranhos a fim de adquirir sal, querosene, fósforos, pano encarnado e cartuchos; "as rêdes tecidas bem superiores às de trançado aberto", vendiam a 5000 e 6000 francos a unidade; e o consumo de caxiri "era bem maior que o dos Wayana", tendo certa ocasião 12 adultos bebido em três dias uma quantidade

variando de 200 a 400 litros (ibid.). Acrescenta Hurault (ibid.) não haver constatado “casos de mestiçagem” entre Oyampik e crioulos, nenhum casamento de Oyampik com Emerilon e ocorrerem raramente casamentos entre Oyampik do alto Oiapoque e do rio Cuc.

Por fim, um francês de nome Cognat (1963), após haver subido o Oiapoque, atravessado o Jari e descido pelo Paru de Leste, apresentou à 2ª Inspetoria Regional do SPI (Belém, Pará), os seguintes dados sobre três grupos Oyampik do lado brasileiro: Coumaleu (à margem do rio Coulouapi) com 27 componentes (13 do sexo masculino e 14 do sexo feminino) divididos entre 9 famílias elementares sendo 3 poligínicas; Coulouapi com 30 (13 do sexo masculino e 17 do sexo feminino), divididos entre 8 famílias elementares, sendo 3 poligínicas; Pilawoulili (afluente Jari) com 18 (7 do sexo masculino e 11 do sexo feminino), divididos entre 6 famílias elementares, sendo uma poligínica; total dos 3 grupos 75 indivíduos. Esses grupos vivendo relativamente isolados “tinham aspecto físico saudável”, ao contrário dos Wayana e Apalaí que mantinham contactos frequentes com a população regional (12).

\*

\* \*

Segundo Metraux (1927 : 35), ao contrário do que ocorre com os Oyampik, ignora-se onde habitavam originariamente os Emerilon e os territórios que eles percorreram antes de penetrar na Guiana Francesa. Aliás, como vimos inicialmente, em 1729, já se encontravam acima da margem esquerda do Oiapoque, entre o Mana e o Maroni, enquanto os Oyampik ainda permaneciam abaixo da margem direita (Brasil, Tratados, 1899 : v. 6, mapa 22). Em 1731, Audiffay diz haver avistado índios Emerilon “descendo pela margem do Maronay com o objetivo de surpreender os Norak (13)

(12) — Gognat (ibid.) registra igualmente a existência no Jari de 61 índios Wayana (3 aldeias; no rio Paru de Leste de 118 Wayana (3 aldeias) e 39 Apalaí (4 aldeias), e vivendo nas imediações de uma destas aldeias dois brasileiros amancebados com mulheres Apalaí.

(13) — “Norak” — Nourage (Norage, Nolague), Karib (Gillin, 1948 : 809).

para os aprisionarem e comerem" (Hurault & Frenay, 1963 : 133). Em 1767, foram encontrados na embocadura do Inini por Patris, que os avaliou entre 350 e 400, incluindo "120 flecheiros" (ibid. : 134). Estavam aldeados à margem do Maroni, duas léguas acima do Inini, onde eram hostilizados pelos "índios holandeses", que lhes tomavam as mulheres e filhos para vender como escravos no Suriname (ibid. : 153). Cultivavam a mandioca em quantidade suficiente para a subsistência e fabricavam raladores; eram "muito primitivos e tímidos", não sabiam utilizar a arma de fogo e, à frente de uma, ficavam atemorizados; mantinham poucas relações com os outros índios, porém, como os "demais grupos de Caiena" já tinham alguma experiência comercial (ibid.). Um recenseamento "ordenado por Le-callier, em 1788", refere-se à presença na missão Saint Paul (margem esquerda do Oiapoque) (14) de 30 Emerilon, assim distribuídos : homens conduzindo flechas — 7; doentes — 0; mulheres casadas — 7; viúvas — 5; meninos — 3; meninas — 8 (Sausse, 1951 : 92). E um documento anônimo, relativo ao fim do século em apreciação, menciona também os Emerilon à margem esquerda do Oiapoque e ao sul de seu afluente Gabaret (Metraux, 1927 : 35).

Tendo os Emerilon se debilitado na guerra em que tomaram parte como aliados dos "Roucouyennes" contra os Oyampik, quando foram encontrados por J. Milthiade, em 1822, nas nascentes do Aprouague e do Inini, atuavam como escravos dos Oyampik (Coudreau, 1887 : 431-432). Por volta de 1830, situavam-se um pouco acima da confluência do Camopi com o Oiapoque onde, consoante Adam de Bauve, eram hostilizados por "negros oriundos do Maroni" (possivelmente os Boni), porém, os Oyampik já os tratavam com bondade e

(14) — No século XVIII, duas missões jesuítas foram estabelecidas à margem esquerda do médio Oiapoque : a de St. Paul, fundada em 1733, que reuniu inicialmente 200 índios Piriou; e a de St. Foi instalada alguns anos mais tarde na embocadura do Camopi, possivelmente para abrigar índios fugidos dos portugueses. Em face à expulsão dos jesuítas da Guiana Francesa foram extintas, em 1770, a de St. Foi e, em 1790, a de St. Paul (cf. Sausse, 1951 : 78).

lhes retribuiam pela execução de serviços (ibid.). Os Emerilon são descritos por De Bauve como altos, magros, fracos e indolentes, usando arcos de confecção grosseira, rêdes e tangas femininas feitas de casca de “maho” ? e canoas construídas sôbre o fogo (ibid.). Em 1849, são mencionados por “M. Bagot” ainda no Camopi, mas quase extintos e desprovidos de roupas e ferramentas, pois, em vista das incursões dos Boni, os mercadores ambulantes não os estavam visitando (Hurault & Frenay, 1963 : 155). Além de estarem com falta de víveres “comiam a mandioca colhida dos velhos roçados quase crua porque não tinham chapas de metal para torrál-la” (ibid.). Crevaux (1833 : 167-68), por sua vez, após referir-se a um grupo Emerilon procedente do rio Inini (“aldeia Macoucaoua”), observou entre seus componentes a preferência pela carne do jaguar à de qualquer outra caça; o uso pelos homens de ligaduras de algodão nas pernas e nos biceps; e a confecção de arcos de seção plana-convexa ou côncava-convexa, “como dos Roucouyennes e dos Oiampis” e medindo de 1,75 a 2,00 m. Logo em seguida Coudreau (1893 : 590-96) os avaliou em apenas 100 indivíduos, os quais estavam disseminados pelo rio Inini entre várias aldeias. E a respeito dêles expressa-se do seguinte modo :

... têm a pele clara e bela aparência, mas estão viciados pelos crioulos; alguns homens usam camisa e chapéu, porém, a maioria sòmente o calimbé; seus roçados “grandes e bem feitos” são semelhantes aos dos “Roucouyennes”; possuem espingardas adquiridas dos garimpeiros em troca de farinha e beijos; a maioria dos homens fala o *crioulo*, bem como algumas palavras dos “dialetos dos Roucouyennes e dos Oiampis” (ibid.).

Os Emerilon, “que se autodenominam Teko”, estavam em 1931 reduzidos a 68 indivíduos (43 do sexo masculino e 25 do sexo feminino), distribuídos entre quatro aldeias situadas no rio Tampok (afluente do Maroni), acima do último estabelecimento crioulo (Perret, 1933.: 66). Cada aldeia possuía uma grande casa em tórno da qual havia pequenas palhoças onde fabricavam-se “cassavas e caxiris”, sendo algumas das casas construídas “à maneira dos Oyampis”, sôbre 4 esteios

e com 1 estrado de ripas de palmeiras (colocado 3 ou 4 m acima do solo), que era alcançado por meio de uma escada talhada em tronco de árvore (ibid.). Cultivavam a mandioca brava, macaxeira, inhame, banana, mamão, pimenta, tabaco, algodão e napi"?, sendo sua subsistência baseada no beiju e na farinha, preparados com o "ralo crioulo", tipitis, peneiras e chapas de metal (ibid.). Não processavam mais a cerâmica, porém, fabricavam rêdes tecidas com fios irregulares ou menos elaborados de trama espaçada; utilizavam como armas o arco e diversos tipos de flechas e, raramente, velhas espingardas adquiridas dos garimpeiros crioulos; tinham deixado de usar a zarabatana embora os mais idosos ainda soubessem confeccioná-la (ibid.: 70-73) (15). Seu chefe Alepon ("capitão Alphonse") dispunha "mais de prestígio social que religioso", sendo suas decisões tomadas geralmente como conselhos e não como julgamentos definitivos (ibid.: 76). Refere-se ainda Perret (ibid.: 76-80-81) às "festas de caxiri" como as mais importantes manifestações coletivas dos Emerilon, sendo "a festa do grande caxiri" realizada para louvar "o Deus Idakaka e a mandioca, o mais precioso bem da terra" (ibid.: 80-83).

Em 1938, a maioria dos Emerilon, liderada pelo índio Kayman, veio estabelecer-se na confluência do Marupi com o Oiapoque (margem brasileira). Consoante Fernandes (1953 : 270), tal atitude teria sido originada por dissensões internas, porém, para o "Dr. Marcel Heckenroth", fôra provocada por "uma hábil manobra dos brasileiros ajudada pelo chefe Kayman" (Metraux, 1947 : 233). Permaneceram na Guiana Francesa apenas os componentes das famílias dos índios Petit Papa e Piston (15 pessoas), os quais foram encaminhados para o curso médio do Aprouague (ibid.). Em 1940, os índios de Kayman já assistidos pelo Pôsto Indígena

(15) — O emprêgo da zarabatana na área guianense ocorre entre alguns grupos Aruak ("*Guinau, Pomeroon and Demarara River Arawak*") mas sobretudo entre os Karib da parte ocidental ("*Yecuna, Camarocoto, Taulipang, Arecuna, and Acawai*"). (Gillin, 1948 : 845).

Luiz Horta (P.I.F.) somavam 68, incluindo 9 Wayana que então os visitavam. Encontravam-se assim distribuídos : sexo masculino — maiores de 20 anos — 24; menores — 16; sexo feminino — maiores de 20 anos — 16; menores — 12 (Fernandes 1943a). Entretanto, dois anos após, dado o constante deslocamento de seus membros, permaneciam no P.I.F. apenas 46, a saber : 20 homens, 15 mulheres, 7 menores do sexo masculino e 4 do sexo feminino, entre os quais 2 homens, 3 mulheres e 2 meninos eram Wayana do rio Mapuni (ibid.). Por êsse tempo, aliás, ameaçaram atacar os Oyampik da aldeia Alikotó, em virtude dêstes terem arrebatado de Kayman e de mais 6 companheiros, por ocasião de sua passagem, numerosos artefatos que haviam coletado entre os Oyampik e Wayana do alto Oiapoque (lado brasileiro) para o inspetor regional do SPI. Contudo, a crise pôde ser contornada mediante a devolução do material, ocorrido após entendimentos entre o citado inspetor e o chefe da gendarmeria francesa (ibid.). As observações a seguir feitas por Fernandes (1953 : 271-78), entre os Emerilon, podem ser assim resumidas : construção de habitações com cobertura de duas águas “muito íngremes” com aplicação da palha de ubim, tendo algumas delas um assoalho de “juçara” distante alguns centímetros do solo; idem de canoas de um só tronco de árvore, “cavado a ferro e fogo”, contendo dois bicos alongados e uma tábua em cada borda; plantio de mandioca para fabricação de beijus e farinha, bem como de banana, cará, batata doce, “tajás alimentícios” e algodão; ausência de cerâmica; existência de “poligamia”; cerimoniais da puberdade “assimilado dos Caraíba” (*Karib* ?), consistindo na flagelação da iniciante por meio de uma faixa de palha com tocandiras, amarrada em sua cintura; sepultamento efetuado sob uma palhoça em cova forrada com ripas, sendo o morto colocado em uma rêde suspensa entre duas varas e acompanhado dos objetos que lhe pertenciam; realização de um cerimonial denominado “A festa do turé”, possivelmente o mesmo

designado por Perret (1931 : 81) como "A festa do grande caxiri" (16).

Em 1946, Kayman foi visitar os Emerilon do Aprouague, os quais fizeram em sua homenagem "festas intermináveis, que lhes arruinaram a saúde e causaram várias mortes, inclusive a de Petit Papa já feito capitão" (Metraux, 1947: 234). Porém, tendo sido tais mortes atribuídas a malefícios deixados na aldeia por Kayman, o nôvo líder (Piston) decidiu abandonar a aldeia, embora se aproximasse a fase da colheita, indo instalar-se com o grupo na confluência do Camopi com o Tamori, onde logo em seguida faleceu (ibid.). Os sobreviventes (4 homens, 4 mulheres e 12 crianças) então desceram com o propósito de atingir a cidade Saint Georges (margem esquerda do baixo Oiapoque), mas, conforme previu o citado autor (ibid.), acabaram estacionando junto ao grupo de Kayman. Acontece que, tendo também ocorrido alguns falecimentos na aldeia do lado brasileiro, logo após retornarem à Guiana Francesa, foram, por sua vez, apontados como *feiticeiros*. E, em conseqüência, Kayman deliberou baixar com seus liderados do Marupi para a foz do Anotaie (margem direita do Oiapoque), para onde foi ao mesmo tempo deslocado o P.I.F. Luiz Horta (Fernandes, 1949). No entanto, uma vez que a assistência proporcionada pela aludida unidade "tornou-se praticamente nula", foram mudando-se aos poucos para às proximidades do pôsto francês do Camopi, inclusive o próprio Kayman (ibid.). Em 1955, um documento do P.I.F. Luiz Horta dá como assistidos, apenas 10 Emerilon, ou sejam, os irmãos João e Togo com seus familiares. Ambos viajaram então até Belém do Pará em companhia do Agente Djalma Limeira Sfair a fim de pedir auxílio material à Chefia da 2ª Inspeção Regional, já que o P.I.F. continuava inoperante.

(16) — O *cerimonial do turé* ocorre também entre os índios do rio Uaçá (cf. Arnaud, 1970 : 8-9). Crevaux (1883 : 296) diz ter assistido "un *toulé*" entre os "Roucouyennes" (Wayana). E Sausse (1951 : 112), por sua vez, fala em algumas danças ainda praticadas pelos últimos. "descritas por Coudreau sob as denominações de *toulé*, *pono* et *acomeu*", mas já perdendo seu sentido tradicional.

Todavia, a situação dos Emerilon distribuídos pelos rios Tampok, Camopi e Tamouri, no início da década de 1950 e em anos subsequentes, era também precária. Sausse (1951:128), por exemplo, a respeito dos índios do Tampok, em linhas gerais assim se expressa : Perderam êles tôdas suas tradições, o gôsto pela existência, mostram no mais alto grau as *taras indígenas* (o grifo é nosso), tais como a ineficiência, a preferência pelo inútil, a preguiça e a incapacidade mental, não tendo adquirido nenhum senso dos valores materiais após 80 anos de relações com ambiciosos garimpeiros e traficantes. Hurault & Frenay (1963 : 135), por sua vez, revelam que, em 1960, quase todos os 45 Emerilon do Camopi e do Tamouri e os 15 do Tampok apresentavam-se debilitados, estando a maioria dos adultos com sinais de paralisia e atrofia muscular. A despeito da existência de uma enfermaria no Camopi e das freqüentes visitas médicas, a mortalidade entre êles continuava elevada “por efeito de enfermidades pulmonares epidêmicas” (ibid. : 136). Acrescentam que a alteração mais importante em seu meio, afora a ocorrida na organização social, era provocada pelo uso do *tafia*, vivendo muitos dêles embriagados, “notadamente o capitão Monpera” (ibid. : 141). Os do Tampok constituíam-se em presas fáceis dos crioulos que “depravavam suas mulheres” e, entre os do Camopi, as mulheres tornavam-se também “prostitutas de canoteiros e trabalhadores do pôsto” (ibid.).

No que respeita à organização social dos Emerilon, Hurault & Frenay (1963 : 137-39), referem-se a casamentos entre velhos e moças, bem como entre rapazes e mulheres idosas, em ambos os casos com diferença de idade até de 40 anos. Dizem que os índios lhes afirmaram poder um homem esposar “qualquer mulher afora a própria irmã ou ascendente”; e apontam a regra de residência como patrilocal. Por fim, apresentam um quadro comparativo das terminologias Emerilon e Oyampik, através do qual em linhas gerais pudemos verificar o seguinte : segunda geração ascendente — um têrmo para designar o pai do pai ou o pai da mãe; outro para a mãe da mãe ou a mãe do pai; primeira geração ascendente —

um termo para chamar o pai e o irmão do pai; outro para a mãe e irmã da mãe; e designativos distintos para o irmão da mãe e para a irmã do pai; geração própria — um termo para nomear o irmão verdadeiro e o classificatório; outro para a irmã verdadeira e classificatória; distinção entre o irmão(ã) mais velho(a) e mais nôvo(a); e designativos especiais para o filho(a) do irmão da mãe e da irmã do pai (ibid. : 143-44).

\*  
\* \*

Quando subimos o Oiapoque, em novembro de 1966, encontravam-se paralisadas as atividades relacionadas à mineração e extração de pau-rosa. No lado brasileiro, permanecia apenas uma família no lugar da fracassada colônia agrícola do Cricu (afluente do Oiapoque), que fôra instalada pelo governo do Território do Amapá, pela década de 1950, com imigrantes cearenses. Mais acima estava estabelecido com uma pequena lavoura um soldado reformado, porém já cogitando abandonar o local após a colheita. Daí em diante sòmente existiam habitantes confronte à foz do Camopi, ou sejam, os dois funcionários do P.I.F. Luiz Horta (Emiliano Serrão e José Pereira da Silva) que nos acompanharam na excursão e uma família brasileira, composta de um casal e três filhos menores, mas ultimando preparativos para baixar rumo à Cidade do Oiapoque. Três famílias de índios Karipúna (17 pessoas) oriundas do rio Curipi (afluente do Uaçá), que durante algum tempo aí residiram, haviam-se mudado no ano anterior para um ponto situado no lado francês, próximo à cachoeira Grand Roche. O P.I.F. Luiz Horta, que havia sido transferido do Anotaié, por volta de 1960, estava instalado em um barracão onde, entre 1961 e 1964, funcionara uma escola de alfabetização do Território do Amapá, freqüentada por Emerilon e Karipúna. Operava o pôsto apenas em caráter de vigilância, pois, os últimos Emerilon ao mesmo tempo que os Karipúna, tinham ido estabelecer-se no lado oposto do rio.

A margem francesa encontrava-se quase tão despovoada quanto a brasileira, pois, a partir do lugar Maripa, utilizado para o transbôrdo da carga destinada ao alto rio e ocupado apenas por um vigilante com a família, fomos encontrar habitantes já na foz do Camopi, em cuja margem direita achava-se instalado, desde 1950, o pôsto francês anteriormente aludido. Compunha-se o mesmo de uma gendarmeria equipada com estação de radiofonia, uma enfermaria, uma oficina e uma escola de ensino elementar, dirigida pelo professor Galibí Charles Paul (cf. Arnaud, 1966 : 34) a qual era freqüentada por 20 Oyampik e 5 Emerilon. O pôsto era abastecido regularmente por intermédio de canoas acionadas a motores-de-pôpa, procedentes de Saint Georges; visitado mensalmente por um médico vindo de Caiena ou Saint Georges, via aérea (helicóptero) ou fluvial; e semestralmente o serviço de “dedetização” percorria a região. Os funcionários da administração com seus familiares somavam cêrca de 20 pessoas, sendo franceses da metrópole o chefe e o subchefe da gendarmeria e os demais crioulos guianenses. Uma pequena *village* crioula existente um pouco abaixo do pôsto, à margem do Oiapoque, encontrava-se praticamente extinta, já que as duas últimas famílias estavam mudando-se para Saint Georges.

Os índios sob a jurisdição do pôsto eram representados por três grupos Oyampik e dois Emerilon (17). O primeiro grupo Oyampik, que encontrava-se estabelecido junto à sede da administração em 6 malocas, era composto por 30 indivíduos, os quais, a crermos em informantes, tinham sido atraídos do alto rio. Um dos homens possuía duas mulheres, porém, havia adquirido a mais nova matando seu marido anterior, que com ela baixara de uma outra aldeia do alto. Achavam-se integrados no grupo por motivo de casamento os Emerilon Togo e João que, como vimos, foram os últimos elementos da antiga unidade de Kayman a deixar o território brasileiro. E os filhos de João, antes batizados na Cida-

(17)) — As fotografias que ilustram o presente trabalho nos foram gentilmente cedidas por Gary Olson do Summer Institute of Linguistics.

de do Oiapoque sob os nomes de Janary e Coaracy, em homenagem aos antigos governador e deputado pelo Território do Amapá, já registrados com designativos franceses tinham emigrado para Caiena. O segundo grupo Oyampik, localizado à margem esquerda do Oiapoque (cachoeira Alikotó), distante da foz do Camopi uma hora de viagem em motor-de-pôpa, tinha 16 componentes distribuídos entre três habitações, não havendo em seu meio nenhum caso de poliginia. O terceiro grupo, que não tivemos ocasião de visitar, com uma população avaliada entre 40 e 50 indivíduos, ocupava uma ilha situada a 4 horas de viagem em motor, acima de Alikotó. A respeito dos grupos existentes em território brasileiro, possivelmente nos rios Uasseipein (formador do Oiapoque) e Cuc (afluente do Jari) ou em seus tributários, nada podemos acrescentar além do que foi mencionado anteriormente, em vista de terem sido muito vagas as indicações obtidas. Quando aos remanescentes Banaré, soubemos que, já há bastante tempo, tinham-se dispersados pelo meio regional.

Os Emerilon encontramos divididos em dois grupos. O primeiro, liderado pelo índio Xandele, situava-se à margem esquerda do Oiapoque um pouco abaixo da foz do Camopi. Totalizava 20 indivíduos (7 do sexo masculino — 5 maiores de 15 anos e 2 menores; 13 do sexo feminino — 5 maiores de 15 anos e 8 menores), distribuídos entre 4 famílias elementares. Um dos homens possuía duas espôsas e um outro tinha como *enteada* uma adolescente de cor preta, fruto de um acasalamento havido entre a mãe e um crioulo do pósto francês. O segundo grupo, liderado pelo *capitão* Monpehá, estava localizado no Camopi em um ponto distante da embocadura meia hora de viagem em motor. Possuía 19 componentes (9 do sexo masculino — 2 maiores de 15 anos e 7 menores; 10 do sexo feminino — 3 maiores de 15 anos e 7 menores), os quais representavam apenas a unidade doméstica de Monpehá, ou seja, sua própria família poligínica (2 espôsas e filhos) e a família simples de seu filho mais velho, que também tinha um *enteado* cujo pai era

crioulo. A respeito do terceiro grupo localizado no rio Tampok não conseguimos obter informações.

Nos dias atuais, a cultura dos Oyampik e Emerilon por nós visitados pode-se dizer que ainda vem obedecendo, basicamente, os antigos padrões. Ambos os sexos pintam-se com urucu e jenipapo, usam os cabelos partidos ao meio da cabeça e quase atingindo os ombros bem como colares e braceletes de miçangas de côr encarnada. As mulheres ainda furam os lóbulos das orelhas para a colocação de brincos que confeccionam com miçangas ou adquiridos por compra. Os homens costumam exibir, sobretudo, por ocasião das festas, ornatos em forma de coroa (couroune) ou de coifa, penas de arara encaustadas em hastes de madeira e presas nos braços com ligas de fios de algodão ou miçangas, complementando às vêzes a indumentária com espelhos e pentes pendurados ao pescoço. Para cobrir o sexo os homens persistem usando o calimbé, agora feito com tecido importado, geralmente de côr encarnada; e as mulheres vestem uma saia improvisada, aberta de um dos lados e confeccionada também com tecido importado, de qualquer côr ou padrão. Ainda tecem as mulheres pequenas tangas de miçangas, porém mais para venda do que para uso pessoal.

As malocas são de base retangular, cobertura de duas águas (com ou sem tacaniças) feita com palha de ubim ou inajá, sendo os esteios e caibros amarrados com cipó. São abertas lateral e frontalmente e medem aproximadamente 3 x 5 m. As dos Oyampik, que são as mais bem construídas, têm a cobertura convexa e algumas quase atingindo o solo no lado da direção do vento. Possuem estrados de paus roliços ou de paxiúba distantes do solo de 1 a 2 m, os quais são alcançados, ainda como no passado, por meio de escadas toscas talhadas em troncos de árvores. As dos Emerilon, além de não apresentarem aquela curvatura no teto, raramente possuem estrados. Ambos os grupos, usam como mobiliário pequenos bancos de madeira talhados de uma só peça, semelhantes aos de outros grupos da área guianense (cf. Roth,

1924 : 124); rêdes de tecido fechado ou trama espaçada (estas comumente usadas por crianças) confeccionadas com fios de algodão; e mosquiteiros de pano importado.

A cestaria compreende a fabricação de tipitis, peneiras, abanos, pacarás, pequenas esteiras para colocação de utensílios e grandes cestos para condução de carga pesada. O trançado é do tipo sobreposto (*plaited*) em sentido vertical-horizontal, sendo a tala do arumã o material mais aplicado. As canoas continuam sendo construídas de um único tronco, esculpido com instrumentos de ferro e aberto sôbre o fogo, mais ou menos de acôrdo com um processo usado por diversos outros grupos indígenas e caboclos da Amazônia (cf. Galvão, 1959 : 33). São complementadas com cavernas, falcas e bancos estreitos em sentido transversal, tendo ambas as extremidades arqueadas e bicos alongados, de igual forma como as construídas, entre outros, pelos Saramacá da aldeia Tampak (margem esquerda do baixo Oiapoque). Os remos têm a pá fusiforme, um entalhe na parte superior do cabo e medem de 1,50 a 2 m de comprimento. Os arcos são confeccionados de muirapinima, com a seção convexa-plana (ou ligeiramente concava), como já observara Crevaux (1883 : 168), obedecendo a um estilo difundido entre vários outros grupos da área guianense (cf. Roth, 1924 : 274-75). Medem de 1,80 a 2 m de comprimento e têm o encordoamento de fibra de curauá com a fixação *temporal*. As flechas possuem, em média, as dimensões dos arcos. A vareta é feita de cana de ubá, sendo a emplumação *paralela*. A ponta é de taboca ou de ferro em forma de lâmina, de madeira serrilhada e de ferro à guisa de arpão. Acêrca do uso da zarabatana pelos Emerilon em época não muito antiga, referido por Perret (1933 : 70), nenhum esclarecimento temos para acrescentar. A cerâmica, como já vimos, desde vários anos não é processada por ambos os grupos.

A subsistência ocorre através da agricultura, da pesca e da caça, tendo caráter secundário a coleta de frutos silvestres. A mandioca brava é o principal produto cultivado.

aparecendo em menores proporções o milho (roxo, amarelo e preto), a batata-dôce, a macaxeira, o cará e “dachina” (espécie de inhame). Plantam, também, a cana-de-açúcar, banana, pimenta, tabaco, urucu e algodão. Entre os grupos que habitam em tôrno do Camopi, cada família costuma abrir anualmente um roçado, com dimensões variando entre 2 a 4 tarefas (2500 m<sup>2</sup> a tarefa). A derrubada e a colheita processam através de mutirões (*mahurys*), sendo convidados para o mister, indiferentemente, elementos de ambas as unidades tribais. O interessado fornece a comida durante a execução do trabalho e caxiri para ser consumido após sua conclusão, via de regra em quantidade substancial. As derrubadas são feitas pelos homens com o emprêgo de terçados e machados, no plantio participam elementos de ambos os sexos e a colheita é feita pelas mulheres. A pesca é realizada pelos homens sobretudo com o arco e a flecha, ocorrendo também o emprêgo do timbó e linhas de algodão ou *nylon* com anzóis de aço. A caça efetuam preferencialmente com espingardas tipo cartucheira, sendo ocasional o uso do arco e da flecha.

A mandioca é desmanchada de maneira semelhante como entre outros grupos da área (cf. Gillin, 1948 : 829; Arnaud, 1969 : 6). Ocorre com o emprêgo de ralos de madeira com identificação de ferro ou de pedaços de latas furados a pregos, peneiras, tipitis, (através de um sistema de alavanca) e pilões cilíndricos de madeira, sendo a massa acondicionada em velhas canoas. A torração dos beijus é feita em chapas de ferro fundido e a farinha em fornos iguais aos dos crioulos, confeccionados com uma base também de ferro fundido e bordas de madeira. O caxiri é fermentado em grandes recipientes de madeira. O consumo de beijus é muito maior do que o da farinha, segundo fomos informados, sendo que, durante nossa estada no Camopi, nenhum dos grupos possuía farinha. Tal como os índios do rio Uaçá (observação pessoal) fazem uma bebida que consiste na mistura de tucupi (ou caldo de peixe) apimentado com a goma de tapioca. O

milho consomem assado ou transformado em mingau depois de socado no pilão. O peixe e carne preparam em moquens, na brasa ou em panelas de metal. A água conduzem em caçaças. E as folhas de tabaco, depois de secas e cozidas, fumam sob a forma de cigarro com invólucro de tauari.

A *couvade* ainda é observada, ficando o pai por ocasião do nascimento do filho durante mais ou menos 8 dias sem realizar qualquer serviço. A respeito do "cerimonial da puberdade" descrito por Fernandes (1953 : 272) não chegamos a obter referências. Os sepultamentos, a crermos em diversos índios não mais são feitos sob palhoças como no passado, mas em cemitérios e em sepulturas retangulares. Os mortos são enterrados acompanhados dos objetos de uso pessoal, embrulhados em rédes e, entre os Emerilon, também já colocados em caixões de madeira. Pelo menos entre os Oyampik, situados nas proximidades do Camopi, não mais se verifica a forma de enterramento secundário mencionado por Crevaux (1883 : 157). O *cerimonial do turé* continua sendo realizado pelos Emerilon. Ambos os grupos possuem xamãs. Conservam seus dialetos tradicionais filiados ao bloco *Tupi*, através dos quais podem manter entendimentos verbais satisfatórios. Também falam razoavelmente o dialeto *crioulo* e compreendem algumas palavras do português, que é falado precariamente apenas pelos Emerilon João e Togo e seus filhos. Os atuais líderes parecem desfrutar de pouco prestígio no âmbito dos respectivos grupos, inclusive o *capitão* Monpehá (Emerilon) que recebe um sôlido do govêrno francês pelo exercício da função.

Na economia, as relações entre os Oyampik e os Emerilon pode-se dizer que restringem-se à reciprocidade observada por ocasião dos *mahurys*. Mantêm também contactos periódicos com os Wayana da Guiana Francesa, dos quais adquirem miçangas em troca de cachorros que costumam criar principalmente para tal fim. Desde quando fecharam as casas comerciais e regatões deixaram de percorrer a região, em consequência da extinção da garimpagem, suas

transações, fora do âmbito tribal, passaram a realizar com os funcionários do pòsto do Camopi e alguns exploradores que de quando em vez sobem o Oiapoque. Através de permutas ou da moeda francesa, vendem os índios canoas, remos, produtos de lavoura, caça e pesca, arcos, flechas, rêdes, de dormir e ornatos de penas. Em contraposição, adquirem sal, querosene, fósforos, espingardas, munição de caça, linhas para pesca e anzóis, chapas de ferro fundido, tecidos, ferramentas para lavoura e construção de canoas, pratos, panelas, tigelas, facas e aguardente de cana (*tafia*).

A ação exercida pelo pòsto francês sòbre os Oyampik e os Emerilon, no que concerne à economia, parece não assumir o caráter paternalista comumente adotado pelos postos indígenas brasileiros junto aos seus assistidos, pois os índios podem realizar livremente transações comerciais, inclusive quanto à aquisição de bebidas alcoólicas. A assistência sanitária mostrava-se satisfatória no momento em que a verificamos. Conforme porém já expusemos, observadores mais familiarizados com os problemas dessas populações evidenciaram que, os grupos relativamente isolados, encontram-se em melhores condições de vida do que aquêles sob assistência governamental ou em contacto permanente com a população regional guianense, como via de regra ocorre também em nosso meio. A escola de alfabetização, pareceu-nos ter como principal objetivo preparar os índios para receber a cidadania francesa, uma situação que de certo modo mostram-se interessados em adquirir quando tornam-se conscientes das vantagens que tal coisa poderá proporcionar (recebimento de salário-família, aposentadoria, etc.).

Acontece que, de igual forma como costumam proceder seus colegas brasileiros, antropólogos franceses preocupam-se também com suas populações tribais. Entre outros, os Drs. Marcel Bataillon (Presidente), Claude Levi-Strauss e Henri Lehmann, da Sociedade dos Americanistas de Paris, que, em carta dirigida ao Secretário dos Departamentos do Ultramar, vêm de manifestar-se contra os “diversos tipos de

ação administrativa" aplicados na Guiana sôbre os Oyampik, Galibí e negros Boni, incluindo a maneira pela qual está sendo feita a "franquización" dos mesmos. Mostram que os administradores, além de pouco estáveis, geralmente não dispõem da competência necessária para solucionar os difíceis problemas tribais e nem sempre estão ao abrigo de "pressões de interessados". Pedem providências contra a venda de bebidas alcoólicas aos índios e a exploração turística. E por fim sugerem a criação de reservas naturais, onde as comunidades possam preservar seus modos de vida tradicional, escolher onde melhor instalar-se e permanecer ao abrigo de visitas indiscretas (América ind., 1969 : 1179-81). O mencionado pronunciamento e talvez outros análogos provavelmente encontraram receptividade, pois, mais recentemente, o Dr. Patrik Braun, médico ligado àquele departamento francês, ao sugerir medidas para a preservação dos "índios brasileiros" ("cujas terras devem ser somente acessíveis a missões médicas e científicas"), como exemplo, mostra que, na Guiana Francesa, estão "proibidas tôdas as penetrações não autorizadas em territórios indígenas" (The Sciences, N. York, 1970). Resta saber os resultados práticos que estão sendo colhidos em decorrência de tão oportuna determinação.

#### SUMMARY

The Tupian Indians focused in this communication, migrated probably from the south Amazon River to the Guiana Region (lat. 2-3 N., long. 51-57 W.) in the beginning of 18<sup>th</sup> century. In 1729, according to D'Anville, the Oyampik inhabited on the right bank of upper Oyapock River (Brazil) and the Emerilon between the Maroni and Mana Rivers (French Guiana). Nowadays the remaining Oyampik are scattered among the left bank upper Oyapock (French Guiana), Uasseipein and Cuc Rivers (Brazil). The Emerilon are settled on the left bank middle Oyapock, lower Camopi and Tampok Rivers (French Guiana).

Soon they started contacts with Europeans and Negroes, subsequently with Brazilians : explorers, traders, missionaries and miners. After 1950 various Oyampik groups and all Emerilon have been under control of the French Post located on the mouth of the Camopi River.

Despite the foreign influences and low population, they still keep their Tupian dialects and many traditional patterns.

BIBLIOGRAFIA CITADA

AGUIAR, BRAZ DIAS DE

- 1943 — *Nas fronteiras da Venezuela e Guianas Britânica e Neerlandeza*. Rio de Janeiro. Separata dos Anais do 9º Congresso Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro, 1940. 182 p., il.

ARNAUD, EXPEDITO

- 1966 — Os índios Galibí do rio Oiapoque. Tradição e mudança. *Bol. Mus. Pa. Emilio Goeldi*, Belém, n. sér. Antropol. 30. 52 p., il.
- 1970 — O xamanismo entre os índios da região Uaçá. *Bol. Mus. Pa. Emilio Goeldi*, Belém, n. sér. Antropol. 44 p., il.

BRASIL, TRATADOS

- 1899 — *Frontières entre le Brésil et la Guyane Française. Second memoire présenté par les Stats Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse*. Berne, Imp. Staempfli. 6 v., anexo, facs., mapas.

COGNAT, ANDRÉ

- 1963 — "Relatório apresentado ao Monsieur l'Inspector en chef du SPI". Belém, Arquivo da 2ª Inspeção Regional do SPI. [inédito].

COUDREAU, HENRI A.

- 1886/87 — *La France Equinoxiale*. Paris, Challamel Aîné. 2 v.
- 1893 — *Chez nos indiens*. Paris, Hachette. 614 p., il., mapas.

CREVAUX, J.

- 1883 — *Voyages dans L'Amérique du Sud*. Paris, Hachette. 635 p. il., mapa.

FERNANDES, EURICO

- 1943a — "Relatório apresentado ao Chefe da 2ª I.R. do SPI". Belém, Arquivo da 2ª Inspeção Regional do SPI. [inédito].
- 1943b — "Relatório apresentado à Diretoria do Serviço de Proteção aos Índios e Chefe da 2ª Inspeção Regional". Belém, Arquivo da 2ª Inspeção Regional do SPI. [inédito].

- 1949 — "Relatório do ano 1948 da 2ª Inspeção Regional do SPI. Belém, Arquivo da 2ª Inspeção Regional do SPI. [inédito].
- 1953 — Os Emerenhom-Oiapoque, 1944. In: RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Índios do Brasil das cabeceiras do rio Xingu, do Araguaia e Oiapoque*. Rio de Janeiro, Impr. Nacional, v. 2, p. 269-78. [Notas extraídas por J. Malcher de dados enviados pelo Inspetor Eurico Fernandes].

## FROIDEVAUX, HENRI

- 1897 — Explorations française à l'intérieur de la Guyane pendant le second quart du XVIII siècle (1720-1742). *Bull. Géogr. Hist. Descr.* Paris, il.

## GALVÃO, EDUARDO

- 1959 — Aculturação indígena no Rio Negro. *Bol. Mus. Pa. Emilio Goeldi*, Belém, n. sér. Antropol. 7, 60 p., il.

## GILLIN, JOHN

- 1948 — Tribes of the Guianas. In: HANDBOOK of South American Indians. *Bull. Bur. Amer. Ethnol.*, Washington, 143 (3) : 799-860, il.

## HURAUULT, J.

- 1962 — Les indiens Oyampi de la Guyane Française. *J. Soc. Amér.*, Paris, n. sér. 51 : 65-82.

## HURAUULT, J. &amp; FRENAY, P.

- 1963 — Les indiens Emerillon de la Guyane Française. *J. Soc. Amér.*, Paris, n. sér. 52 : 133-55.

## LA SOCIEDAD de Americanistas se preocupa por la suerte de las

- 1969 — poblaciones tribales de la Guyana. *América Ind.*, México, 29 (4) : 1179-81

## MÉTRAUX, A.

- 1927 — Migrations historiques des Tupi-Guarani. *J. Soc. Amér.*, Paris, n. sér. 19 : 1-41.
- 1947 — Notes sur les Indiens de la Guyane Française. *J. Soc. Amér.*, Paris, n. sér. 36 : 232-5.

## MOURA, PEDRO DE

- 1934 — Fisiografia e geologia da Guiana Brasileira (Vale do Oiapoque e região do Amapá). *Bol. Inst. Geol. Mineral.*, Rio de Janeiro, 65. 109 p., il., mapa.

## PERRET, JACQUES

- 1933 — Observations et documents sur les Indiens Emerillon de la Guyane Française. *J. Soc. Amér.*, Paris, n. sér. 25 (1) : 65-97.

RONDON, CÂNDIDO MARIANO DA SILVA

- 1953 — Índios da região do Oiapoque. In: — *Índios do Brasil das cabeceiras do rio Xingú, dos rios Araguaia e Oiapoque*. Rio de Janeiro, Impr. Nacional. v. 2, p. 269-369, il.

ROTH, WALTER

- 1924 — An introductory study of the arts, crafts, and customs of the Guiana Indians. *A. R. Bur. Amer. Ethnol.*, Washington. 38 : 25-745, 1916/17.

SAUSSE, ANDRÉ

- 1951 — *Populations primitives du Maroni (Guyane Française)*. Paris, Ed. Larousse. 135 p., il., mapas.

SOUSA, BERNARDINO JOSÉ

- 1873 — *Lembranças e curiosidades do vale do Amazonas*. Pará, [s. ed.] 328 p.

SOUSA, BOANERGES LOPES DE

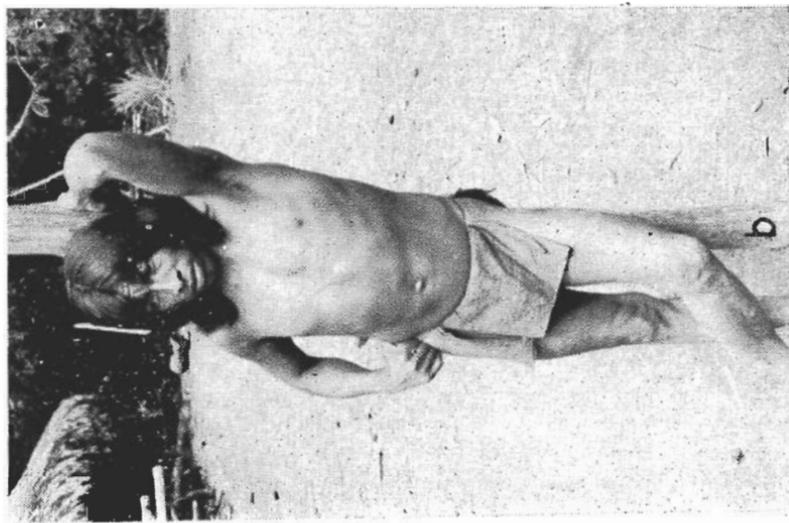
- 1955 — *Índios e explorações geográficas*. Rio de Janeiro. Impr. Nacional. 178 p., il. (Brasil. Conselho Nacional de Proteção aos Índio, Publ. 110).

THE MURDER of the Indians of Brasil

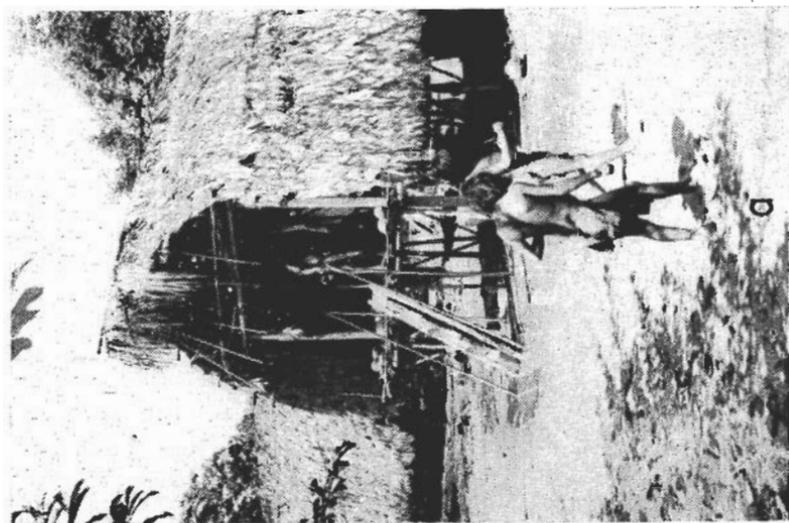
- 1970 — *The Sciences*, New York. 10 (4) : 9-10.

TONY, CLAUDE

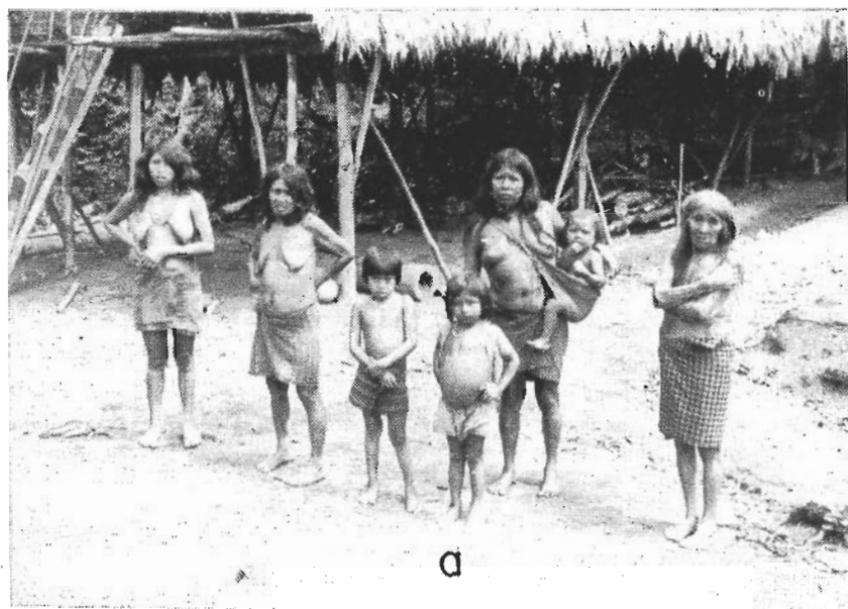
- 1843 — *Voyage dans l'intérieur du Continent de la Guyane*. Paris. (Nouvelles Annales des Voyages, sér. 4º, v. 97).



b) Índio Oyampik — aldeia Alikotó (Guiana Francesa)



a) Maloca Oyampik — aldeia Musikiri (Guiana Francesa)



a) Indias Oyampik — aldeia Alikotó (Guiana Francesa)

b) Indios Emerilon — aldeia Camopí (Guiana Francesa)